

## A IDEIA DE AMEAÇA À DEMOCRACIA COMO INSTRUMENTO PARA AÇÕES GEOPOLÍTICAS

*The idea of a threat to democracy as a tool for Geopolitical actions*

Flávio Henrique Navarro Hashimoto<sup>1</sup>  
Jéssica Costa Pizaia<sup>2</sup>

**Recebido em:** novembro de 2017

**Aceito e publicado em:** dezembro de 2017

**Resumo:** O presente artigo buscou verificar em como se deu o avanço das ações geopolíticas por parte de alguns países, utilizando a ameaça à democracia como desculpa para as suas tais ações. Mesmo que o sistema democrático seja justo, teoricamente, muitas vezes ao longo da história foi utilizado como pretexto por parte dos Estados Unidos e de outros países para desenvolverem as suas ações geopolíticas e obterem o que se buscava. Por meio dessa situação, o artigo visou fazer essa análise e verificar quais são os interesses por detrás da “a ameaça à democracia”, realizando um resgate histórico de como foi o processo de desenvolvimento do pensamento geopolítico, como se pensava a Geopolítica e quem são os seus principais clássicos. Para a sua realização, buscou em autores que buscaram discutir em como a democracia se torna um instrumento de pretexto para interesses geopolíticos por parte do Estado.

**Palavras-Chave:** Geopolítica; Democracia; Poder.

**Abstract:** *This article sought to ascertain how the progress of geopolitical actions was given by some countries, using the threat to democracy as an excuse for their actions. Even though the democratic system is fair, theoretically, often throughout history has been used as a pretext by the United States and other countries to develop their geopolitical actions and get what was sought. Through this situation, the article aimed to do this analysis and verify what are the interests behind "the threat to democracy", conducting a historical ransom of how it was the process of developing geopolitical thinking, as was thought of geopolitics and who are their Main classics. For his achievement, he sought in authors who sought to discuss how democracy becomes an instrument of pretext for geopolitical interests by the state.*

**Key-words:** *Geopolitical; Democracy; Power.*

### INTRODUÇÃO

O presente estudo visa discutir como o jogo geopolítico dos países se realizam por meio de certos pretextos, como a ideia de ameaça à democracia. Para isso, determinados governos

nacionais utilizam desse discurso para demonstrar para a sociedade que a ação geopolítica é necessária, uma vez que a democracia pode ser afetada.

A Geopolítica é uma ciência que surgiu no início do Século XX e, diferentemente da Geografia Política, visa estudar as ações políticas realizadas pelos países no âmbito internacional. Já a Geografia Política foca nas ações políticas no âmbito nacional ou internamente.

Com isso, sabendo que os países procuram motivos para justificar as suas ações geopolíticas, é possível utilizar como pretexto a “ameaça à democracia” para aplicar as suas estratégias geopolíticas? Por meio dessa questão que centralizará o presente trabalho.

Para poder trabalhar essa questão, o artigo foi dividido de uma forma que permitisse verificar em como as ações geopolíticas são ou não usadas como pretexto. Para confirmar a proposta presente neste estudo, é realizado uma apresentação referente aos principais pontos da Geopolítica, a Geopolítica Clássica e a Geopolítica Contemporânea. Logo após é abordado de forma breve sobre o que é a democracia.

Na seção sobre o jogo geopolítico por detrás do discurso, foi realizado uma discussão sobre em como o pretexto “ameaça à democracia” é usada como desculpa para realizar os interesses geopolíticos. Foi buscado discutir nessa parte, sobre como alguns Estados Nacionais usam esse e outros pretextos para realizarem as suas ações geopolíticas.

### **Geopolítica clássica e geopolítica contemporânea**

A Geopolítica surgiu da necessidade de se entender o porquê os Estados Nacionais realizavam determinadas ações políticas. Oficialmente, os estudos geopolíticos não são antigos, porém as ações geopolíticas já eram praticadas desde o período dos primeiros povos ou governos da sociedade humana.

Fernandes (2011) descreve que, desde os tempos mais remotos, no período da Antiguidade, os povos viviam em grupos nos quais se deslocavam na busca de meios de subsistência e, com isso, obtinham conhecimentos do espaço. Começaram então, a adquirirem conhecimentos referente ao clima, por exemplo, e por meio dessas migrações novos caminhos eram descobertos.

Com o surgimento dos mapas, começou-se a possibilitar obter mais conhecimentos sobre o território que ali ocupavam. Um exemplo é um mapa encontrado referente a cidade de Gar Sur-Antiga Babilônia, que continha informações sobre o vale de um rio, provavelmente do rio Eufrates, de montanhas e pontos cardeais (FERNANDES, 2011).

A busca por conhecer novos espaços foram permitindo o desenvolvimento da Ciência Geográfica. Porém, os fundamentos históricos da Ciência Geográfica surgiram no período da

Grécia Antiga, tido como a primeira cultura que se tem conhecimento a explorar ativamente a Geografia como ciência e filosofia. Por meio da filosofia que se construiu o embasamento conceitual das atividades humanas a partir dos fundamentos do pensamento, no plano das ideias e do enquadramento abstrato e geral do conhecimento (CAVALCANTI; VIADANA, 2010).

Já no período da Idade Média, na Europa, os estudos se aprofundaram e mantiveram os antigos conhecimentos gregos, tanto que no período da Renascença e entre os séculos XVI e XVII aconteceram diversas viagens de exploração, que reavivaram as bases teóricas mais sólidas e de informações mais detalhadas. Mas, é apenas a partir do Século XVIII que a Geografia começa a ser conhecida como ciência e, com isso, a quantidade de estudos visando o conhecimento e o aumento do número de instrumental técnico tiveram aumento significativo (CAVALCANTI; VIADANA, 2010). Com o desenvolvimento da Geografia, como disciplina científica, diversas áreas surgiram, como é o caso da Geografia Política.

Porém, o que a Geografia Política tem em relação à Geopolítica? Qual é a diferença dessas duas áreas do conhecimento científico?

Essas questões são interessantes, uma vez que, segundo Hashimoto (2016), é possível grossamente dizer que a Geografia Política tem a Geopolítica como sua filha. Essa comparação se deve porque, é por meio da Geografia Política que surgiu a Ciência Geopolítica. “No final do século XIX, quando da sua institucionalização como ramo da Geografia, a Geografia Política procurou na natureza o marco teórico para explicação da vida política” (MOURÃO; ARCASSA, 2011, p. 3). É por meio disso que se formaria futuramente a base da Geopolítica.

Karol (2013, p. 24) descreve que, “o Estado é considerado como ator privilegiado por diversos geógrafos e geógrafas em Geografia Política e Geopolítica e o estudo suscita interpretações e significados que varia no tempo e espaço”. Compreender o Estado<sup>3</sup> é o foco da Geografia Política e Geopolítica. Porém, os dois ramos científicos são alguns vezes mal interpretados ou confundidos em relação à distinção do campo de estudo e temas enfocados por cada destes (MOURÃO; ARCASSA, 2011).

O termo Geopolítica, de acordo com Santos e Bovo (2011), surgiu por meio do jurista sueco que residia na Alemanha, Rudolf Kjéllen (1864-1922), em 1905. Kjéllen era admirador da cultura germânica e as suas teorias serviram como base para o encontro do conhecimento científico geográfico que era sistematizado pelos alemães. “Foi um dos muitos discípulos de Ratzel, tendo teoricamente a mesma concepção de Estado, mas reduz a ideia de Estado como organismo biológico e não territorial como propunha Ratzel” (SANTOS; BOVO, 2011, p. 2).

Mas a Geopolítica, como já apontado, surgiu após a Geografia Política que teve, segundo Hashimoto (2016), Friedrich Ratzel (1844-1904) como o seu fundador. Só que, a

Geografia Política já era estudada e praticada por estudiosos e pelos Estados. Um exemplo é o estudo de Nicolau Maquiavel (1469-1527) que uma de suas obras, “O Príncipe”<sup>4</sup>, é considerado um estudo de Geografia Política.

Sobre Ratzel, segundo Castro (2005), apontava que a Geografia Política teria que ter como função, demonstrar que o Estado é uma realidade humana que só é completa se contém o solo. Devido a sua influência darwinista, Ratzel dizia que o Estado era como um organismo vivo, que nasce, desenvolve-se e morre. Para o Estado sobreviver, ele dependeria muito de seu território (HASHIMOTO, 2016).

Por meio de seus estudos, Ratzel se tornou o marco inicial para o surgimento futuro da Geopolítica.

Já a Geopolítica contém quatro pesquisadores como responsáveis por estrutura-la, não que houveram outros pesquisadores ou estudiosos importantíssimos, porém foram esses os que fizeram a Geopolítica tomar um caminho, como ciência. O primeiro, como já falado, é Kjéllen que além de contribuir com o nome desse campo científico, foi responsável por realizar a distinção da Geopolítica diante da Geografia Política.

O sueco definiu a Geopolítica, segundo Santos e Bovo (2011, p. 2) como uma “ciência que estuda o estado como organismo geográfico”. Se para Ratzel o Estado é como um organismo vivo, como já dito antes, Kjéllen aponta que o Estado é um organismo geográfico e, com isso, a sua abordagem deveria ser política – Estado/território – e a Geografia Política com uma abordagem geográfica – homem/natureza.

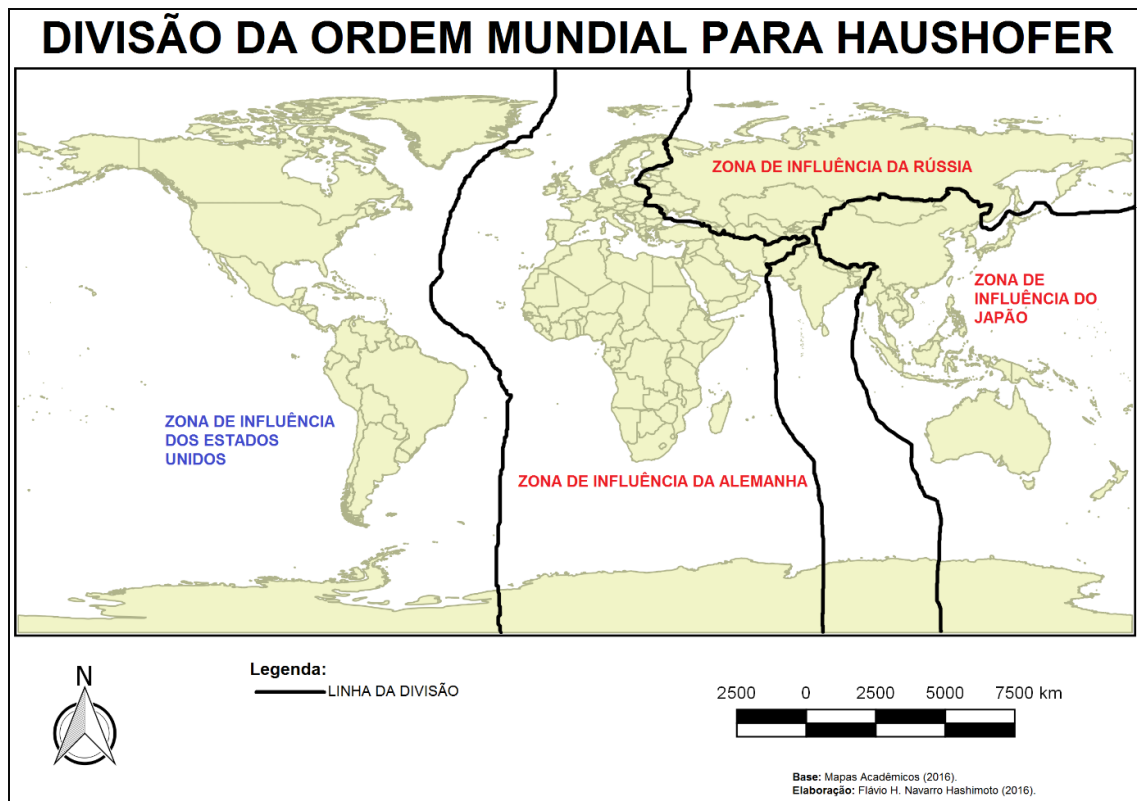
Já outro grande contribuinte para a ciência geopolítica foi o estadunidense Alfred T. Mahan (1840-1914). “O almirante, oficial da marinha e professor naval Alfred Thayer Mahan insere no cenário mundial a ótica norte-americana com sua famosa obra *A influência do poder marinho sobre a história*, publicada em 1890” (SANTOS; BOVO, 2011, p. 7). Segundo o almirante, se os Estados Unidos quisessem se tornar hegemônica mundial deveria dominar as rotas marítimas, principalmente as rotas marítimas comerciais.

Contraponto Mahan, o inglês Halford John Mackinder (1861-1947) dizia que a dominação deveria ser por meio do poderio terrestre. Por meio de Mackinder que surgiram as teorias *Pivot Area* que depois seria reformulada até se tornar na sua principal teoria que é o *Heartland, World Island, Anel Insular e Anel Interior ou Marginal*. A sua principal teoria dizia que o país que dominasse a Eurásia (África, Ásia e Europa) dominaria o mundo, uma vez que é nessa região que se concentra a maior parte da população mundial e dos recursos naturais (VESENTINI, 2004).

Por último, e não menos importante, outro grande pesquisador da Ciência Geopolítica foi o alemão Karl Ernst Nikolaus Haushofer (1869-1946). É por meio de Haushofer que os estudos da Geopolítica foram postos em prática, como os estudos de Mahan que foram postos em prática pelo governo estadunidense. Haushofer fez da Geopolítica não apenas uma ciência preocupada com o âmbito político em seus estudos, porém foi por meio de seus estudos que a Geopolítica ganhou um caráter ideológico. “As ideias de Haushofer eram baseadas em Ratzel e Kjéllen, e se desenvolveu basicamente em Munique, e acabou repercutindo no mundo todo devido ao fato do período ser marcado pelas guerras” (SANTOS; BOVO, 2011, p. 9).

Para Haushofer, era preciso que o mundo fosse dividido em quatro partes, sendo que quatro países dominariam uma determinada parte do mundo. A Figura 1 mostra como seria essa nova ordem Mundial para Haushofer.

**Figura 1** - Mapa da Nova Ordem Mundial para Haushofer.



**Fonte:** Hashimoto, 2016.

O continente americano, conforme a figura acima, deveria ser exclusivamente dominado pelos Estados Unidos; A Europa Ocidental, continente africano e o Oriente Médio deveria ter a Alemanha como a potência dominante; A Zona de influência russa ou URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) seria o seu território e o sul asiático; e A Zona de influência do

Japão seria todo o Extremo Oriente, o Sudeste Asiático e a Oceania. Esses quatro países seriam os dominantes nos países que fazem parte das suas zonas.

Se para Haushofer o governo alemão nazista deveria tomar como estratégia a sua teoria, o que aconteceu de verdade é o não seguimento por parte do governo. Isso acarretou, militarmente e politicamente, a queda do governo nazista.

A Geopolítica Clássica termina com a morte de Haushofer, um ano após o fim da II Guerra Mundial. Por ser declarada como uma ciência nazista, teoricamente, ela foi banalizada e só voltaria a ser estudada por volta da década de 1950. Porém, os estudos geopolíticos voltariam com um caráter voltado para o ideológico, como por exemplo o Capitalismo vs. Comunismo. A obra *La Géographie ça sert, d'abord, à faire la guerre* de Yves Lacoste é considerada como um dos principais estudos da Geopolítica Contemporânea.

### **Democracia: breve abordagem**

Nessa parte foi buscado realizar uma breve abordagem referente ao que é a democracia. Pode-se dizer que, democracia é uma “forma de governo no qual o poder emana do povo e em nome dele é constituído” (BUENO, 2000, p. 222). A democracia se refere à soberania popular ou igualdade, em que ninguém está acima do outro e que todos são iguais.

Contudo, o conceito de democracia infelizmente se há dúvidas sobre o seu verdadeiro significado. Mesmo que atualmente a democracia é muito discutida, o seu significado muitas vezes é mal interpretado. Essa má interpretação, pode-se dizer, acarreta ações que podem impactar o todo negativamente.

Polak (2008) descreve que é na Grécia Antiga que se tem os primeiros relatos da existência da democracia como forma de governo. É por meio dos primeiros filósofos que surgiu a ideia de que a organização territorial deveria se basear na isonomia. Aristóteles aponta que democracia é um termo que muitas vezes é designado como forma de governo no qual o poder político é exercido pelo povo (POLAK, 2008).

De acordo com Becker e Raveloson (2011), o termo democracia provém da língua grega e é composta por duas palavras, que são *demo* = povo e *kratein* = reinar, que juntas significam “reinado popular ou reinado do povo”. Na Grécia Antiga, principalmente em Atenas, o povo tinha a Ágora como espaço físico para discutir política e democracia.

A famosa frase dita por Abraham Lincoln (1809-1885) “A democracia é um governo do povo, pelo povo, para o povo” foi proferida no Discurso de Gettysburg no Cemitério dos soldados da Guerra Civil em Gettysburg-EUA, em 19 de novembro de 1863. Essa fala de

Lincoln teve e tem para a democracia uma representação muito forte. Esse discurso entrou para a história, sendo por muitos, como um dos principais discursos proferidos.

Entretanto, antes da Revolução Americana que em seguida aconteceu a Guerra Civil nos Estados Unidos, a Revolução Francesa foi um marco antecessor e importante para a democracia. “A Revolução Francesa almejou de modo consciente acabar até com o último resquício do velho regime, alicerçado nos privilégios classistas de nascença e de sangue” (COGGIOLA, 2013, p. 282).

Na Constituição Federal do Brasil de 1988 é determinado no art.º 1 Parágrafo Único que, “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”. É interessante que é apontado na C.F. brasileira que o povo é o que detém o poder do Estado, pelo menos na teoria, entretanto não se concretiza na maioria das vezes, conforme os diversos acontecimentos que ocorreram ao longo da história brasileira.

Mesmo nesse pouco espaço discutido, pode-se dizer que é o povo que decide como o país caminhará e quem serão os responsáveis por o conduzir, sendo que se essas mesmas pessoas não cumprirem corretamente a sua função lhe concedida, o povo tem todo o direito de retirá-lo de lá.

Essa situação, se for levada à risca na política brasileira, se veria uma retirada em massa de representantes políticos que não cumprem com as funções lhe confiadas. Mas para que isso aconteça é preciso haver uma conscientização política na sociedade, que só será alcançada por meio da educação.

### **Jogo geopolítico por detrás do discurso**

A democracia é uma das formas de governo mais buscadas pelos Estados Nacionais por acreditarem em ser um formato mais justo do que outros sistemas políticos que se tem conhecimento. Se por um lado a democracia trouxe resultados positivos, de outro ela também trouxe resultados negativos. Por isso, nesta parte foi discutido o interesse por detrás do famoso discurso “ameaça à democracia” que muitas vezes é utilizada por potências para interesses particulares e não democráticos.

Ao longo do Século XX e do XXI, ocorreram conflitos e guerras graças a esse pretexto para, na realidade, se obter vantagem econômicas de outros países. Contudo, no atual século se vê que essa desculpa é muito utilizada.

Um exemplo é a Guerra do Iraque, conforme Bonfim (2014), que foi deflagrada em 2003. Sem a aprovação do Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas em

português) o Reino Unido e os Estados Unidos invadiram o Iraque para “implantar” a democracia e retirar do poder Saddam Hussein (1937-2006), uma vez que foi alegado que o seu regime continha armas de destruição em massa.

Mesmo que a invasão ao Iraque não encontrou nenhuma dessas armas de destruição e não ter apresentado resistência do exército iraquiano, a invasão continuou e acarretou na destruição institucional do país e da sociedade. De acordo com Bonfim (2014, p. 95) a invasão foi um sucesso

[...] os EUA obtiveram uma esmagadora vitória sobre o Iraque; a operação militar durou 21 dias, iniciou em 20 de março e terminou em 9 de abril de 2003. Ao olhar pelo tempo que durou e pelo baixo número de baixas, de 122 estadunidenses e 33 britânicos, a invasão foi um sucesso.

Contudo, conforme o mesmo autor, o que se encontrou de armamento iraquiano eram materiais bélicos antigos, com mais de 50 anos de uso e, graças as sanções impostas durante a década de 1990 o exército iraquiano não continha armas de reposição. Mesmo com tudo isso, a famosa “ameaça à democracia” continuou a ser usada para interesses econômicos.

Além da Guerra do Iraque, a invasão no Afeganistão e a Primavera Árabe tiveram interferências externas fortíssimas. Se justifica que a Guerra do Afeganistão teve como objetivo ao combate do terrorismo e a implantação da democracia no país, enquanto na Primavera Árabe aconteceu porque o povo estava indignado com os regimes ditatoriais existentes. Mesmo que, no caso da Primavera Árabe, a população estava indignada com o regime político, interesses geopolíticos estavam por detrás, tendo os países europeus ocidentais e os Estados Unidos como principais percursores.

No entanto, os interesses para se realizar as ações geopolíticas sempre estiveram em primeiro lugar. A democracia no certo, infelizmente, é utilizada como pretexto para se realizar as invasões e ocasionar as guerras. É preciso antes de implantar um sistema político, que se tenha conhecimento se a população deseja e não inserir forçadamente. Além disso, é necessário que essa população seja a responsável por modificar a situação política do país e não que seja modificada para atender interesses geopolíticos de outros Estados Nacionais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É plausível dizer que, alguns países utilizam determinados discursos para porem em práticas suas estratégias geopolíticas. Os interesses econômicos e políticos vêm antes dos interesses sociais.

A Geografia Política, surgida antes da Geopolítica, só surgiu após o interesse do governo Prusso em criar um único Estado Nacional, que seria constituído por territórios feudais



que ainda existiam no Século XIX. Ratzel foi o grande contribuinte para essa unificação da Prússia, por meio de seus estudos políticos que utilizavam a Geografia como base de conhecimento científico.

Anos mais tarde surgiria a Geopolítica, tendo como Kjéllen como seu fundador. É por meio de Kjéllen que estudos de caráter mais político seriam denominados geopolíticos. O sueco é um dos principais percussores da formação do pensamento geopolítico. Sendo que em seguida, Mahan e Mackinder foram os responsáveis pelo surgimento das duas teorias principais da Geopolítica, o domínio marítimo e domínio terrestre, nesta ordem.

Os estudos geopolíticos teriam uma relação muito importante com a democracia, uma vez que esse seria o sistema político mais buscado ao longo da história recente. Se pode apontar que, a Geopolítica muitas vezes foi utilizada como forma de implantação do sistema democrático por se achar “justo”.

Entretanto, o que se sabe que o discurso “ameaça à democracia” em certas ocasiões foi utilizada como forma de dominação e interesse. Só no Século XXI, as guerras que até aqui aconteceram utilizaram esse pretexto como forma para invadir e atingir verdadeiramente outros interesses. A Guerra no Afeganistão, A Guerra do Iraque e a Primavera Árabe, por exemplo, são grandes exemplos de interferência externa que acarretaram conflitos que afetam milhares de pessoas inocentes.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**.

BECKER, Paulo; RAVELOSON, Jean-Aimé A. **O que é Democracia?** Luanda: Fundação Friedrich Ebert, 2011.

BONFIM, Marcelo Garcia. **A Guerra do Iraque: História Oficial e Oficiosa**. 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e Política: Território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 304 p.

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito; VIADANA, Adler Guilherme. Fundamentos históricos da Geografia: contribuições do pensamento filosófico na Grécia Antiga. In: GODOY, Paulo R. Teixeira de (Org.). **Histórico do Pensamento Geográfico e Epistemológico em Geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 11-34.

COGGIOLA, Osvaldo. Novamente, a Revolução Francesa. **Projeto História**, São Paulo, n. 47, ago. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17137/14208>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

DEMOCRACIA. In: BUENO, Silveira. **Silveira Bueno**: minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: FTD, 2000. p. 222.

FERREIRA, François de Oliveira. Estado Nacional e Globalização: O discurso de uma crise e a crise de um discurso. **Revista Eletrônica Inter-Legere**, Natal, n. 3, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/es04.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

HASHIMOTO, Flávio Henrique Navarro. **A Prática Pedagógica Inovadora no**

**Ensino de Geografia**: o esporte como instrumento para o ensino de Geopolítica no 3º ano do Ensino Médio. 2016. 73f. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) –Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

FERNANDES, Mariane de Oliveira. O Histórico do Pensamento Geográfico e as Contribuições de Humbolt e Ritter para a Construção da Geografia como Ciência. In: SEMANA DE GEOGRAFIA, ENCONTRO DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA DE GEOGRAFIA, 12., 7., 2011, Presidente Prudente. **Anais...** Presidente Prudente: UNESP, 2011. p. 1-12.

KAROL, Eduardo. **Geografia Política e Geopolítica no Brasil (1982-2012)**. 2013. 261 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MOURÃO, Paulo Fernando Cirino; ARCASSA, Wesley de Souza. Reflexões em torno dos conceitos de Geografia Política e Geopolítica. SEMANA DE GEOGRAFIA, ENCONTRO DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA DE GEOGRAFIA, 12., 7., 2011, Presidente Prudente. **Anais...** Presidente Prudente: UNESP, 2011. p. 1-14.

POLAK, Ana Luiza N. de Souza. **O Revisitar dos Conceitos de Democracia**: da representação política à democracia participativa. 2008. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

SANTOS, Danilo O. Análise do debate teórico em Geopolítica e Geografia Política nos períodos das Guerras Mundiais: breves considerações sobre os conceitos de territórios, Estado e poder. In: ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA, 6., 2011, Campo Mourão. **Anais...** Campo Mourão: NUPEM, 2011. p. 1-11.

VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 125 p.

---

<sup>1</sup> Licenciado e Bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: [flaviohnavarro@yahoo.com](mailto:flaviohnavarro@yahoo.com).

<sup>2</sup> Licenciada e Bacharelada em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina.

<sup>3</sup> Esse Estado é o Estado Nacional que é uma forma de organização social secular (FERREIRA, 2008).

<sup>4</sup> Publicado em 1532.